

Mestrado em Ensino da
Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário



Relatório Final de Estágio

*Coordenador de Mestrado: **Professor Doutor Rui Gomes***

*Orientador de Estágio: **Dr.ª Elsa Silva***

*Formando: **Bruno Cardoso n.º 20083231***

Instituto Educativo de Souselas



Ano Lectivo: 2009/2010

Agradecimentos

Muitos foram aqueles que, de uma forma mais ou menos interventiva, me auxiliaram na realização deste projecto de dois anos, levado a cabo com alguns sacrifícios, mas repleto de esperança.

Durante a realização dos inúmeros trabalhos que fui realizando, tive oportunidade de fazer referência a quase todos os nomes que considerei necessário destacar e à importância que os mesmos tiveram na sua realização. Outros houve que, de outras formas, estiveram sempre presentes para me apoiar, sobretudo nos momentos mais difíceis, de maior cansaço ou desilusão.

Sem eles não teria a força e a determinação necessárias para levar a cabo este projecto, de forma tão empenhada e empreendedora. Sem as suas constantes opiniões e sugestões a sua concretização ter-se-ia revelado certamente menos motivante.

A todos eles, que nunca os esquecerei pelas melhores razões, o meu **MUITO OBRIGADO!**

No entanto, gostaria ainda de dedicar a formação conseguida, através da realização deste Mestrado, à pessoa mais importante da minha vida e que mais força e alento me deu para continuar a trabalhar com empenho e dedicação, mesmo tendo sido aquela que mais sofreu com o meu afastamento.

Por tudo o que me deste e continuas a dar,

OBRIGADO MARIA INÊS

RESUMO

Este estágio pedagógico está integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário – 2008/2010, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e faz parte integrante duma preparação pedagógica a que os formandos deste núcleo de estágio se propuseram, de forma a elevar o seu grau de mestria na leccionação das actividades físicas desportivas em contexto de aula.

Ao nível do estágio foram realizadas actividades definidas em três áreas distintas de intervenção: Organização e Gestão Escolar; Projecto de Parcerias Educativas; e Estágio Pedagógico.

Referente à Organização e Gestão Escolar, decidiu-se assessorar a Directora de Turma do 8ºC, professora Anabela Abreu, tendo-se promovido um trabalho conjunto com a mesma, prestando auxílio nas suas inúmeras funções (Elaboração do Projecto Curricular de Turma; Preparação de Conselhos de Turma; Contacto com Encarregados de Educação; Organização/Gestão de Dossiers Individuais dos Alunos; Mediação de Conflitos, entre outros.) Através desta assessoria apercebemo-nos na primeira pessoa de todas as exigências subjacentes ao cargo, sentindo de forma bem real as dificuldades, as responsabilidades e os encargos temporais e emocionais que lhe estão inerentes.

Relativamente ao Projecto de Parcerias Educativas, decidiu-se abraçar uma actividade “tradicional”, que anualmente tem lugar na nossa escola, o Corta-Mato Escolar e uma outra que seria novidade para a maioria dos alunos, o *Rugby*.

Foram realizadas todas as diligências de forma a programar, controlar e avaliar estas actividades que envolveram toda a comunidade escolar. Estes contactos envolveram entidades desportivas, empresariais, de segurança, a autarquia, os professores e funcionários da escola e, claro, os alunos, e saldaram-se por êxito completo.

No que concerne ao Estágio Pedagógico, temos consciência que este contribuiu de forma bem positiva e marcante para uma formação mais competente e eficaz na docência em geral e na disciplina de EF em particular. Sentiu-se crescimento em todos os sentidos (planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional) e dimensões (instrução, gestão, clima/disciplina), estando hoje melhor preparado para os desafios escolares, quer sejam de gestão/organização escolar, quer sejam de efectiva prática de docência.

Abstract

This teacher training is integrated in the master's degree course "Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário – 2008/2010" of the "Faculdade de Desporto e Educação Física" of Coimbra University and it is part of a pedagogic preparation that the trainee teachers decided to attend in order to heighten their level of formation in what concerns the teaching of sports activities in class.

In what concerns the teacher's training the activities were developed in three distinct intervention areas: School Organisation and Management, Educational Cooperation Project, and Teacher Training.

Regarding School Organisation and Management, it has been decided to assist the Head teacher of class 8th C, teacher Anabela Abreu, and develop a cooperative work with her, providing assistance in her countless tasks (preparation of the Class Curricular Project; preparation of the class teacher's meetings; meeting parents; organisation/management of students portfolios; conflict management; among others). With this work it has been realised by me all the demands this job enfolds, feeling in fact all the difficulties, responsibilities and the time and emotional requirements it encloses.

Concerning the Educational Cooperation Project, it has been decided to embrace a "traditional" activity that takes place at our school annually – The School Cross-country, and another one that would be a new experience for students – Rugby.

All the necessary arrangements were made in order to plan, control and evaluate these activities that involved all the school community. These contacts were made with sports entities, companies, security forces, autarky, teachers and school keepers from our school and, of course, students, and they were completely successful.

Finally, in what concerns the Teacher Training, we are aware that this has contributed in a really positive and remarkable way for a more competent and effective formation in teaching in general and particularly in Physical Education. Growth has been perceived in all areas (planning, accomplishment, evaluation and ethic-professional component) and dimensions (instruction, management, climate/discipline), being today much more prepared for the school challenges, both at the school management/organisation level and at the effective teaching practice level.

ÍNDICE

I.	Introdução	8
	CAPÍTULO 1 – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR	10
II.	Expectativas relativamente ao estágio	10
III.	Descrição das actividades desenvolvidas	14
	Planeamento	14
1.	Plano Anual	15
2.	Unidades Didácticas	16
3.	Planos de aula	17
	Realização	20
1.	Observações das aulas da professora Elisa Santos (OE)	20
2.	Observações das aulas do professor Alexandre Oliveira (FE)	21
3.	Elaboração de actas	22
4.	Intervenção pedagógica	23
A.	Instrução	23
B.	Gestão	28
C.	Clima/Disciplina	29
	Avaliação	31
1.	Diagnóstica	32
2.	Formativa	34
3.	Sumativa	35
4.	Auto-avaliação	36
	Componente ético-profissional	37
IV.	Justificação das opções tomadas	41
V.	Conhecimentos adquiridos	43
VI.	Avaliação de processos e produtos	46

CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO SOBRE ACTIVIDADES REALIZADAS	49
VII. Aprendizagens realizadas	49
VIII. Compromisso com as aprendizagens dos alunos	51
IX. Importância do trabalho individual e de grupo	54
X. Capacidade de iniciativa e responsabilidade	58
XI. Dificuldades sentidas e formas de resolução	61
XII. Dificuldades a resolver no futuro	67
XIII. Inovação nas práticas pedagógicas	69
XIV. Impacto do estágio na realidade do contexto escolar	70
XV. Questões dilemáticas	72
XVI. Conclusões referentes à formação inicial	74
XVII. Necessidades de formação contínua	77
XIII. Experiência pessoal e profissional do ano de estágio	79
Referências bibliográficas	81
Anexos	83
1. Competências realizadas durante o estágio pedagógico	84

I. INTRODUÇÃO

Chegado ao fim do estágio pedagógico, surge a necessidade de fazer um balanço das actividades realizadas, de forma a reflectir, analisar e avaliar o desempenho revelado ao longo deste ano de trabalho.

Este estágio pedagógico está integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário – 2008/2010, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e faz parte integrante de uma preparação pedagógica a que os formandos deste núcleo de estágio se propuseram, de forma a elevar o seu grau de formação na leccionação das actividades físicas desportivas em contexto de aula.

Procuraremos, de forma breve, referir o trabalho realizado e o produto obtido nas diversas áreas envolvidas: Organização e Gestão Escolar; Projecto de Parcerias Educativas; e Estágio Pedagógico.

Faremos referência ao trabalho individual e de grupo (núcleo de estágio) produzido e ao valor acrescentado que ambos proporcionaram na melhoria de competências pedagógicas, quer através da assessoria

efectuada à Directora de Turma (DT) da turma C do 8º ano de escolaridade, quer através dos projectos de parcerias educativas efectuadas para a realização do Corta-Mato Escolar e da Formação de *Rugby*.

Abordar-se-ão as experiências vividas na docência da Educação Física (EF) junto da turma atrás referida, sempre com o acompanhamento e supervisão da orientadora, professora Elisa Santos, que juntamente com o colega de estágio, professor Alexandre Oliveira, muito contribuíram para a análise, reflexão e avaliação das práticas docentes. Ponderações estas manifestamente importantes para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem das várias matérias abordadas.

CAPÍTULO 1 – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR

II. EXPECTATIVAS RELATIVAS AO ESTÁGIO

Como foi feita referência no Plano Individual de Formação (PIF), no final do ano lectivo transacto, foi com muita expectativa e curiosidade que abraçámos este projecto, porque se por um lado estava presente a experiência de nove anos de leccionação e contínua formação na área, que acabava por transmitir alguma confiança e à vontade para os desafios que se adivinhavam, por outro lado, havia o receio de ter criado alguns vícios prejudiciais ao processo de ensino/aprendizagem associados à acrescida responsabilidade de já ser licenciado na área e exercer a profissão há quase uma década.

Após um ano de preparação científico-pedagógica desenvolvida na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF), complementado com a formação inicial obtida noutra instituição escolar (Escola Superior de Educação de Coimbra), o estágio pedagógico foi o palco ideal para pôr em prática todos os conhecimentos assimilados e revelar virtudes e defeitos na planificação, leccionação, reflexão e avaliação do processo de ensino/aprendizagem por nós liderado.

Foi através do protocolo celebrado entre o FCDEF e o Instituto Educativo de Souselas (INEDS), escola onde leccionamos há nove anos, que foi possível realizar o estágio pedagógico supervisionado e onde se encontraram e encontram reunidas todas as condições humanas, físicas e materiais para desempenhar um bom trabalho.

Em relação ao grupo de estágio, o relacionamento humano e profissional com o professor Alexandre Oliveira não podia ser melhor, já que a facilidade de diálogo, trabalho, entreaajuda, sinceridade e amizade entre ambos foram um elemento constante e essencial.

Relativamente à orientadora de estágio, professora Elisa Santos, sabíamos que era uma profissional extremamente competente e capaz, em quem foi depositada total confiança para, com a sua orientação, nos auxiliar e estimular no desenvolvimento de competências científico-pedagógicas. Pela sua natural postura de exigência, devemos-lhe muito do trabalho desenvolvido e empenhámo-nos ao máximo, de forma a não defraudar as suas expectativas em relação ao trabalho a ser desenvolvido por nós.

Ao longo do estágio, a professora Elisa Santos mostrou-se muito empenhada e interessada em levar-nos a reflectir sobre o processo de ensino/aprendizagem a que também estávamos sujeitos. Além disso, foi uma pessoa acessível e sempre disponível para ajudar em todas as matérias, acabando por fomentar também a relação humana e o aumento do grau de amizade já existente. Tendo por base a posição ocupada por cada um de nós em todo este processo, o respeito e admiração foram valores sempre presentes e reconhecidos, ao longo destes dois anos de trabalho conjunto com a professora Elisa Santos.

A Dr.^a Elsa Silva, embora menos presente, por razões óbvias, acompanhou as tarefas de estágio desenvolvidas ao longo do ano, fornecendo *feedbacks* ao desempenho revelado, nas aulas observadas, fundamentais para a nossa evolução enquanto profissionais de Educação Física, fruto da sua experiência e conhecimentos científico-pedagógicos.

Em relação aos alunos do 8º ano, turma C, salienta-se o facto de se tratar de uma situação de continuidade pedagógica, pois já no ano lectivo anterior, altura em que estes alunos (com excepção de três) frequentavam o 7º ano, a leccionação da disciplina de Educação Física,

se encontrava sob a responsabilidade do professor Bruno Cardoso. Sabíamos que eram bons alunos, apesar de estarem a passar pela fase da adolescência, o que implica sempre alguma irreverência, conversa, pouca responsabilidade e pouca vontade de cumprir regras e por vezes de trabalhar. Apesar disto, foi criado um bom ambiente na maioria das aulas, baseado no respeito mútuo.

Em suma, apesar de alguma ansiedade inicial, sentimos que fomos capazes de construir um processo de ensino/aprendizagem competente e eficaz, contribuindo para a formação dos alunos, aumentando o nosso conhecimento científico em algumas matérias, ampliando as formas de intervenção pedagógica nas aulas e construindo instrumentos de avaliação coerentes com os conteúdos abordados (**anexo1**).

III. DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

➤ PLANEAMENTO

Relativamente ao Planeamento, iremos abordar os seguintes sub-temas: Plano Anual; Unidades Didácticas; e Planos de aula.

Planear é preparar. Quanto melhor se preparar uma aula, menores são as hipóteses de algo correr mal durante a mesma. O planeamento é uma das tarefas fundamentais do acto de leccionação, sobretudo em Educação Física. Segundo Bento (1987), a escolha dos conteúdos a abordar das diversas matérias constitui um dos problemas mais complicados da pedagogia. O autor refere ainda que a estrutura e ordenamento da matéria a ensinar (matriz de conteúdos) necessitam de uma planificação harmoniosa com os objectivos definidos. Pieron (1993) acrescenta ainda que a planificação também deve contemplar a organização das actividades a leccionar e a selecção das mesmas em face dos objectivos estabelecidos, assim como os procedimentos e momentos de avaliação de forma a controlar as aprendizagens.

1. PLANO ANUAL

A construção do Plano Anual foi o ponto de partida para o trabalho a desenvolver no estágio pedagógico junto da turma C do 8º ano.

Através da sua elaboração, situámos a escola face ao espaço/comunidade envolvente, a turma face à escola e aos espaços físicos, materiais e humanos existentes e os alunos face às aprendizagens a adquirir, ao meio escolar e à realidade familiar (cultural e sócio-económica). Definimos os objectivos e as competências a atingir, os instrumentos e procedimentos a usar, as estratégias de ensino a aplicar e a calendarização dos momentos e tipos de avaliação.

Procurámos integrar todas as informações fundamentais sobre a turma, que pudessem ajudar o professor nas tarefas de elaboração, selecção, organização e distribuição de conteúdos numa sequência lógica.

A distribuição das diversas matérias pelo ano lectivo e os momentos das diversas avaliações, foram definidas pelo Departamento de Educação Física do Instituto Educativo de Souselas, em função da

disponibilidade dos espaços, do material existente, do horário dos professores e do número de aulas por cada período.

2. UNIDADES DIDÁCTICAS

O núcleo de estágio decidiu elaborar as Unidades Didáticas (UD) em conjunto, inserindo todas as informações necessárias à sua construção relativamente aos dois anos de escolaridade em causa: 7º e 8º anos de escolaridade.

Esta decisão trouxe mais valor ao trabalho, pela respectiva discussão entre os vários intervenientes sobre quais seriam as melhores metodologias e exercícios a desenvolver nas diversas matérias a leccionar.

Algumas UD revelaram-se difíceis de elaborar devido à enorme extensão de informações e exercícios a apresentar para os diversos conteúdos, como foram os casos da Ginástica de Solo e Aparelhos e do Atletismo. Outras, foram muito trabalhosas pela dificuldade em encontrar material em quantidade que nos permitisse construir de forma sólida a respectiva UD, como foi o caso da Ginástica Acrobática.

Através da construção das UD, tentou-se definir, de uma forma coerente, o processo de ensino/aprendizagem das diversas matérias a leccionar, procurando-se fazer uma correcta selecção dos exercícios, progressões pedagógicas e jogos, assentes em estratégias de ensino coerentes e que beneficiassem a aprendizagem dos mesmos.

Este documento não é fechado, sendo alvo de reflexão e alterações, leia-se melhorias, sempre que o professor ou grupo de estágio o entender, em função da análise dos resultados obtidos.

Foi a partir da estruturação das diversas UD, que construímos de forma coerente e eficaz os numerosos planos de aula das diversas matérias leccionadas.

3. PLANOS DE AULA

Relativamente à estruturação dos planos de aula, estes foram elaborados de forma a serem enquadrados com as UD previamente construídas, tendo em conta a especificidade das aulas, o número de alunos da turma, as características físicas destes, sobretudo na Ginástica Acrobática, o nível de proficiência dos mesmos, o espaço de aula, a quantidade e diversidade de materiais, as condições climáticas,

o tipo de aula que se pretendia e os objectivos propostos para a mesma, definindo estratégias de ensino coerentes e beneficiadoras do processo de ensino/aprendizagem. Os exercícios foram escolhidos de acordo com os objectivos específicos e conteúdos planificados. A estrutura da aula obedeceu ao modelo tripartido (parte inicial, fundamental e final), cada uma apresentando características temporais, conteúdos, descrição dos exercícios, esquemas gráficos e critérios de realização próprios, embora criando um todo coerente.

O principal objectivo da parte inicial da aula era preparar os alunos para o esforço físico a que seriam sujeitos na parte fundamental da mesma. Procurou-se sempre efectuarla através de jogos, muito perto do jogo formal (jogos desportivos colectivos) ou que fizessem o *transfer* (Atletismo e Ginástica) para as matérias a abordar durante as sessões.

A parte fundamental encontrava-se directa e intimamente relacionada com a UD e a função da mesma prevista para cada sessão.

Tentou-se sempre criar situações de aprendizagem motivantes que levassem à evolução dos alunos, partindo do mais simples para o

mais complexo e do analítico para o global. Procurou-se criar formas de exercitação variadas que proporcionassem uma elevada prestação motora e que despertassem o interesse e empenho dos alunos.

Na parte final de cada sessão, pretendeu-se garantir ao aluno um relaxamento total do corpo, proporcionando-lhe em simultâneo uma revisão e extensão dos conteúdos da aula.

Defendemos que o planeamento deve ser realizado de forma a prever todas os factores inerentes a uma aula, mas vemo-lo como um documento orientador da actividade lectiva e não como uma estrutura rígida e bloqueadora da criatividade ou espontaneidade quando necessárias.

As reflexões críticas realizadas no final de cada aula, os comentários e as análises dos diversos intervenientes, orientadora e colega de estágio, contribuíram decisivamente para a melhoria da nossa prestação nas aulas ao longo do ano lectivo.

➤ **REALIZAÇÃO**

No capítulo da realização iremos abordar dois aspectos distintos: um refere-se às observações críticas realizadas à intervenção pedagógica nas aulas da professora orientadora, Elisa Santos e do professor estagiário, Alexandre Oliveira, e da elaboração das actas semanais das reuniões de núcleo de estágio; o outro diz respeito à intervenção pedagógica do próprio professor no que concerne às várias dimensões da aula (instrução, gestão e clima/disciplina).

1. OBSERVAÇÕES CRÍTICAS DAS AULAS DA PROFESSORA ELISA SANTOS

No que respeita às observações críticas realizadas, deve-se afirmar que as mesmas foram registadas a partir de uma grelha de observação construída pelo próprio professor, com base nas grelhas de observação facultadas no primeiro semestre do referido Mestrado na disciplina de “Didáctica da Educação Física e Desporto Escolar”. A observação consistia em registar todas as acções da professora que estivessem delineadas na respectiva grelha, durante o tempo total da aula.

Gostaríamos de afirmar que por dificuldades de compatibilidade de horário e pelas inúmeras actividades em que a escola se viu envolvida, necessitando da presença dos professores (visitas de estudo, actividades culturais e/ou desportivas, desporto escolar, exames, vigilâncias, intercâmbios, entre outros), foi impossível estar presente em várias aulas da professora Elisa, tendo sido realizadas um total de cinco observações ao longo do ano lectivo. Apesar de serem poucas aulas, procurou-se sempre elaborar relatórios o mais completos possível, através do registo de todos os exercícios realizados durante as sessões, analisando criticamente as opções tomadas pela professora, sugerindo outro tipo de exercícios e progressão pedagógicas dos diversos conteúdos abordados em cada matéria leccionada e dialogando com a mesma e com o colega de estágio para troca de ideias e opiniões.

2. OBSERVAÇÕES CRÍTICAS DAS AULAS DO PROFESSOR ALEXANDRE OLIVEIRA

Relativamente às observações das aulas do professor Alexandre Oliveira, procurou-se manter a mesma postura de crítica construtiva face aos exercícios realizados, propondo sempre que necessário

alternativas e tentando descrever de forma clara e explícita todos os pormenores de intervenção pedagógica utilizados pelo professor. Usou-se a mesma grelha de observação utilizada com a professora Elisa.

A construção do horário permitiu a observação das aulas de 45 minutos à sexta-feira, e incidu sobre os comportamentos do professor na turma do 7^oC.

A oportunidade de troca de impressões sobre as mesmas mostrou-se bastante enriquecedora e proveitosa, já que em muitas ocasiões fizemos o *transfer* para as nossas aulas, corrigindo aspectos que tínhamos vislumbrado através destas observações.

3. ELABORAÇÃO DAS ACTAS

Semanalmente foi elaborada uma acta das reuniões onde estavam presentes os professores estagiários e a professora orientadora. Estas reuniões serviam para fazer um balanço das aulas e dos respectivos planos de aula realizados nessa semana, assim como para tratar de quaisquer outros assuntos referentes ao estágio pedagógico.

Apesar de serem elaboradas individualmente, cada professor estagiário lavrou uma acta quinzenalmente.

4. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR BRUNO CARDOSO

A. INSTRUÇÃO

Segundo Sarmiento (1993: 11), a qualidade da instrução "...é determinante para se obterem melhores resultados na aquisição de tarefas motoras".

No que concerne à instrução inicial, o professor procurou ser sempre objectivo, claro, breve e conciso, começando por fazer uma revisão da aula anterior, através de questionamento e revelando aos alunos os conteúdos a desenvolver durante a sessão, contextualizando-os com os conteúdos abordados nas aulas anteriores. Aproveitava para explicar as principais tarefas da aula e os objectivos da mesma, sempre de acordo com a matriz de extensão e sequência de conteúdos (Pieron *in* Sarmiento *et al.*, 1996).

Na condução da aula, o professor procurou rentabilizar ao máximo o espaço que lhe era destinado, organizando os exercícios de

forma a ter uma visão global sobre toda a turma, podendo realizar deslocamentos imprevistos.

Aquando da explicação dos exercícios/progressões, houve o cuidado de a reforçar através de demonstrações, tendo usado de forma sistemática os alunos como modelos e meios gráficos de suporte e apoio à informação fornecida. Também houve preocupação com a qualidade da informação, procurando usar sempre uma terminologia tecnicamente correcta, de forma a ambientar os alunos com a mesma, e exigindo aos discentes que também o fizessem, utilizando o questionamento para controlar as aprendizagens dos alunos.

Durante a aula, procurou-se incessantemente transmitir *feedbacks* úteis e pertinentes, que levassem à aprendizagem. “Na conclusão dos seus estudos sobre a pedagogia de mestria (“mastery teaching”), Bloom (1979) considera o feedback e os meios de correcção como um elemento essencial da qualidade do ensino” (Pieron *in* Sarmiento *et al.*, 1996: 45).

Em relação a estes, começámos por privilegiar os prescritivos, os descritivos e os afectivos (quanto ao objectivo dos mesmos). Ao longo

das aulas, e procurando comprometer os alunos com o seu processo de aprendizagem, introduzimos os *feedbacks* interrogativos, levando os alunos a pensar no erro cometido, procurando desenvolver a sua capacidade de “leitura” do *feedback* intrínseco¹, e a introduzir uma solução para a sua correcção. Procurou-se distribuir os *feedbacks* de forma equitativa entre todos os discentes, independentemente do nível em que se encontravam e fechar o maior número de ciclos de *feedbacks* possível, de forma a reavaliar o desempenho dos alunos (Pieron, 1993: 32).

No final da sessão, privilegiou-se o questionamento² para fazer a revisão de conteúdos e controlar a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Antes dos discentes se deslocarem para os balneários, concluíamos com a extensão de conteúdos para a aula seguinte.

De forma a não perder tempo com a elaboração dos grupos, o professor afixava um cartaz com os elementos constituintes de cada grupo, obrigando os alunos a vestirem colete logo no início da aula, se

¹ Segundo Pieron (1993), é frequente considerar dois tipos de *feedbacks*: intrínseco e extrínseco.

² Segundo Sarmiento (1993: 1), o questionamento durante as aulas tem vários objectivos: “controlar a aquisição de conhecimentos, desenvolver a capacidade de reflexão, melhorar a motivação e o clima da sessão”.

necessário fosse. A mesma preocupação era tida com o material a usar nas aulas, estando este ao dispor dos alunos sempre que necessário.

Devido ao facto de estarmos a lidar com uma turma de oitavo ano, apoiados nos resultados das avaliações realizadas, decidimos aplicar os seguintes estilos de ensino³: estilo por comando; estilo por tarefa; avaliação recíproca; auto-avaliação; estilo inclusivo e estilo divergente.

Evitou-se ao máximo utilizar o estilo por comando, por entender-se que nestas idades os alunos já devem ter um papel activo no processo de ensino/aprendizagem, embora o tenhamos feito por vezes nas primeiras aulas de algumas matérias.

O estilo mais frequentemente usado, foi o estilo por tarefa, por considerar-se que seria o que melhores resultados traria aos alunos na maioria das matérias e/ou grande parte das aulas. Neste estilo o professor assume grande parte do papel no processo de ensino/aprendizagem, transferindo para o aluno todo o conhecimento necessário para a melhoria do desempenho motor deste, através de emissões de *feedbacks* como resposta à sua prestação.

³ Ver Mosston, Musska e Ashworth, Sara (1995), Horizonte, vol. II, nº1, maio-junho, pp. 23-32.

O estilo de avaliação recíproca foi usado pontualmente em situações de trabalho a pares, onde cabia aos alunos ajudarem-se mutuamente (Ginástica de Solo e Aparelhos e Ginástica Acrobática e exercitação de alguns conteúdos de outras UD) a partir dos *feedbacks* do professor.

A auto-avaliação foi um estilo adoptado apenas com alguns alunos, pois considera-se fundamental que o aluno consiga analisar os *feedbacks* intrínsecos do seu desempenho motor.

Usou-se o estilo inclusivo sobretudo na realização das UD de Ginástica de Solo e Aparelhos e da Ginástica Acrobática, mas também no serviço (por baixo ou por cima) de Voleibol. Através deste estilo é permitido ao aluno escolher o grau de dificuldade para a execução de uma determinada tarefa.

Por fim, também se optou por empregar o estilo divergente (sobretudo nos jogos desportivos colectivos) em situações muito específicas (relativamente a alguns conteúdos e apenas no final das UD) das várias matérias e apenas com alguns alunos. Quando reconhecíamos que estes compreendiam e analisavam os *feedbacks*

intrínsecos (João Martins, Roldão, Cristiana e Mariana na Ginástica, entre outros) e dominavam completamente a matéria, apelávamos a este estilo, incitando os discentes à descoberta de soluções para os problemas ou dificuldades. Este estilo dá muito mais liberdade ao aluno para decidir o caminho a seguir no seu processo de aprendizagem.

B. GESTÃO

Uma das principais preocupações no planeamento das aulas foi o tempo de empenhamento motor. "...o empenhamento do aluno resulta de vários factores como a preparação da sessão, as intervenções do professor e a motivação dos alunos para a actividade física" (Pieron *in* Sarmiento *et al.*, 1996: 18). Tendo em atenção estes factores, procurou-se sempre manter os alunos em actividade de forma a privilegiar a aprendizagem através da prática e a diminuir os episódios inapropriados⁴. Para isso, procurou-se diminuir ao máximo "...o número e a duração dos episódios de gestão, reduzir os discursos e a quantidade de informação verbal..." (Sarmiento *et al.*, 1993; 1996), assim como os tempos de organização, de espera e de transições.

⁴ Siedentop *in* Sarmiento (1993:4), define dois tipos de comportamento inapropriado: comportamentos fora da tarefa e comportamentos de desvio.

No início da aula, e fruto da formação inicial (estágio da licenciatura), o professor privilegiou os exercícios de activação geral do organismo, sobretudo através de jogos, talvez exagerando no tempo destinado a esta parte inicial da aula. Após as observações críticas da professora orientadora, decidimos diminuir o tempo destinado a esta parte da aula, passando-o para a parte fundamental da mesma.

O tempo destinado à organização e às transições foi sempre controlado e fruto da experiência do professor, aliado ao facto de serem apenas dezassete alunos, levou a que não se perdesse muito tempo com estes momentos. Dentro da mesma linha, a arrumação do material era executada dentro do tempo destinado à higiene e o professor não realizava a chamada, memorizando os alunos que tinham faltado à sessão.

C. CLIMA/DISCIPLINA

Decidimos abordar ambas as dimensões em conjunto, por considerarmos que estão intimamente ligadas (Sarmiento *et al.*, 1993: 3).

Não foi difícil criar um clima harmonioso durante as aulas de Educação Física, baseado numa comunicação franca e aberta com os alunos. Os discentes em causa eram simpáticos e divertidos, embora por vezes não se aplicassem como seria de esperar. Desta forma, foram usadas algumas estratégias para controlar os alunos, tais como; uso de sinais (que poderiam ser complementados pela voz do professor) para a execução/transição de determinadas tarefas, tais como “reunir” (2 apitos e voz “chega aqui rapidamente”), “parar para ouvir informação” (2 apitos) e “finalizar o exercício” (3 apitos); intervenção junto dos alunos de forma sistemática e correcta; correcção e estímulo dos comportamentos dos alunos de forma a superarem as suas capacidades; e reforço dos bons comportamentos e atitudes.

Tentámos passar a mensagem correcta, optando por expressões curtas e objectivas, de forma a captar a atenção dos alunos e a focar sobre o comportamento observado (sobretudo para elogiá-lo), usando a terminologia correcta.

➤ AVALIAÇÃO

Neste ponto abordaremos a avaliação diagnóstica, formativa, sumativa e auto e heteroavaliação.

A avaliação é um processo contínuo de levantamento das aprendizagens obtidas e das que ficaram por apreender. Através da avaliação podemos determinar quais os instrumentos a usar, as estratégias a adoptar e as metodologias a aplicar de forma a criar condições óptimas de aprendizagem. Neste sentido, a palavra “necessária” ganha alguma expressão, no propósito de que a avaliação é necessária ao professor para este determinar onde se situa o aluno ou um grupo de alunos no processo de aprendizagem, e também é necessária ao aluno para o informar sobre os objectivos de ensino, leia-se aprendizagens, que ainda não adquiriu (Ribeiro, 1999).

É fundamental que o professor avalie constantemente o processo de ensino/aprendizagem, de forma a controlar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, permitindo que estes alcancem os objectivos estabelecidos, corrigindo e adaptando conteúdos, modificando estratégias, procurando novas metodologias, alternando estilos de ensino e diversificando *feedbacks*, após cada momento de avaliação.

1. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

No início do ano lectivo realizámos a avaliação diagnóstica para todas as matérias a leccionar ao longo deste ano, à excepção de Ginástica Acrobática, através da qual tomou-se conhecimento do nível de proficiência dos alunos nos conteúdos observados.

Em nossa opinião as grelhas de avaliação diagnóstica utilizadas pelo departamento de Educação Física do INEDS são manifestamente insuficientes, porque apenas incidem sobre um conteúdo por cada matéria a leccionar em cada ano de escolaridade (na grelha de avaliação diagnóstica destinada ao 8º ano, não estava contemplada a Ginástica Acrobática, tendo sido realizada *à posteriori*). Este é um aspecto que necessariamente será revisto pelo referido departamento no próximo ano lectivo, devido sobretudo ao fundamental papel que este tipo de avaliação tem na determinação dos objectivos a atingir para cada turma/aluno, na construção do Projecto Curricular de Turma (parte correspondente à disciplina de EF) e na elaboração da matriz de extensão e sequência de conteúdos.

A decisão de realizar a avaliação diagnóstica de forma concisa, prendeu-se com o facto de haver continuidade lectiva entre o professor

e a turma. Em consequência deste facto, o professor já conhece os alunos da turma de anos lectivos anteriores.

De qualquer forma, uma das razões que nos levou a alterar as matrizes de todas as UD inicialmente construídas com base nesta avaliação teve a haver precisamente com o facto de a avaliação diagnóstica realizada ser restritiva e não fornecer informações suficientes para a elaboração de uma matriz de conteúdos mais fidedigna. Aceitando estas alterações como naturais, porque houve vários factores que obrigaram a uma constante reformulação das mesmas (ritmo de aprendizagem dos alunos, nível de dificuldade dos exercícios, etc.), não podemos deixar de atribuir uma cota de responsabilidade à insuficiente avaliação diagnóstica.

Deste primeiro momento de avaliação formal decorreu a divisão homogénea dos alunos da turma por nível de proficiência (não realiza/realiza com dificuldade/realiza com facilidade) em cada matéria. A partir desta divisão e em função dos objectivos pretendidos pelo professor para cada aula, definimos: grupos de trabalho (homogéneos e/ou heterogéneos); acções de recuperação para os alunos com mais

dificuldades; os instrumentos e metodologias a utilizar; e a matriz de extensão e sequência de conteúdos.

2. AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa permite uma acção reguladora do processo de ensino/aprendizagem e tem por objectivo determinar se o aluno está a reter as aprendizagens que lhe são ministradas durante o referido processo (Carvalho, 1994; Ribeiro, 1999).

Como instrumentos de avaliação formativa adoptámos os seguintes: grelha de observação de conteúdos aplicada numa determinada aula; registo de presenças; e registo de ocorrências disciplinares.

Esta avaliação realizou-se durante as UD e incidiu sobre os domínios psicomotor e sócio-afectivo e teve um carácter contínuo. O controlo das aprendizagens do domínio cognitivo centrou-se sobre o questionamento, as acções em jogo (conhecimento das regras de jogo através da prática) e relatórios de aula.

Recorremos à observação directa e registo numa grelha de avaliação construída para o efeito, contemplando os conteúdos realizados nas

aulas e que seriam alvo de posterior avaliação sumativa. Após a análise dos resultados, pudemos ter uma percepção mais concreta dos progressos e dificuldades de aprendizagem dos alunos. A partir deste ponto, reorganizámos os grupos de trabalho, reforçámos a quantidade de episódios sobre os exercícios “mais difíceis” e centrámos os *feedbacks* sobre as dificuldades diagnosticadas.

No capítulo sócio-afectivo, recolheram-se informações sobre os comportamentos, empenho, pontualidade e assiduidade e participação nas aulas, bem como pelo respeito pelas normas, pelos colegas e professor e pelo material.

Esta recolha de informação permitiu um controlo mais efectivo das aprendizagens dos alunos e conseqüentemente, melhorar o processo de ensino/aprendizagem.

3. AVALIAÇÃO SUMATIVA

A avaliação sumativa é o complemento das duas avaliações anteriormente realizadas, funcionando, desta forma, como o balanço final das avaliações do processo de ensino/aprendizagem. Os resultados

obtidos após a realização desta avaliação devem confirmar que as alterações introduzidas após a avaliação formativa tiveram êxito junto dos alunos (Ribeiro, 1999). Por isso, realizámo-la sempre no final das UD, servindo ainda para classificar os alunos no seu desempenho motor.

Mais uma vez, recorremos à observação directa e registo numa grelha de avaliação construída para o efeito, contemplando os conteúdos realizados nas aulas. Após a análise dos resultados, pudemos verificar se houve evolução nas aprendizagens por parte dos alunos, ou seja, se as estratégias e alterações adoptadas após a avaliação formativa tiveram efeito positivo no processo de ensino/aprendizagem.

Como foi atrás referido, estes resultados serviram para classificar os alunos no domínio motor, mas também como referência para melhorar a construção das UD tornando-as mais práticas e eficazes para o processo educativo do próximo ano lectivo.

4. AUTO E HETEROAVALIAÇÃO

A auto e heteroavaliação foram realizadas após a avaliação sumativa, depois de analisados e contabilizados os dados dos diferentes domínios (psico-motor, sócio-afectivo e cognitivo). Este é mais um

momento em que o aluno tem a oportunidade de participar activamente no seu processo de aprendizagem, opinando sobre a sua prestação na disciplina de Educação Física e sobre o desempenho dos colegas, podendo reflectir, argumentar, discordar e esclarecer qualquer situação referente ao referido processo.

➤ **COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL**

A escola é um espaço social de relações permanentes e profundas, regidas por um código e linguagem próprias, onde se inserem uma série de indivíduos com papéis diferentes dentro do mesmo espaço educativo. Desta forma, procurou-se um relacionamento afável, respeitoso e profissional com todos esses intervenientes, de forma a respeitar o espaço escolar e a fomentar uma atitude correcta perante todos. De resto, esta atitude não foi difícil de conseguir porque já havia um conhecimento prévio do espaço escolar e dos vários sujeitos (Director Pedagógico, professores da escola, alunos, funcionários), no mesmo sentido que também estes conheciam o perfil do professor.

Procurou-se sempre manter uma atitude profissional face à escola e ao departamento, fomentando a auto-pesquisa e a formação autónoma em diversas áreas, sobretudo ligadas à disciplina de EF.

No que concerne à atitude perante a escola, o professor foi sempre assíduo (apenas faltou uma vez) e pontual, nunca se tendo atrasado. Participou activamente na vida escolar, quer organizando actividades desportivas (Torneios de *Futsal* e Voleibol para os 2º e 3º ciclos e Secundário, respectivamente, passeio de BTT e *MegaSprinter* escolar), quer participando nas actividades da escola (visitas de estudo, reuniões de departamento, de conselho de turma, geral de professores, desporto escolar, entre outros), quer opinando de forma construtiva sobre o processo educativo das turmas e da escola e apresentando sugestões para melhorar a organização de algumas situações relacionadas com a mesma.

Relativamente à postura perante a turma, apenas há a registar uma falta de 45 minutos no dia 28 de Janeiro. O professor foi sempre pontual e procurou ser justo com os alunos e consigo mesmo enquanto profissional de ensino, dando o seu melhor no sentido de criar condições favoráveis ao progresso dos alunos nas aprendizagens,

através da diferenciação desta, assumindo uma atitude inclusiva e demonstrando tolerância e tempo para os discentes. Esforçou-se por ser motivador e tornar as aulas motivantes, procurando inovar nas práticas pedagógicas, dando informações sobre as avaliações e oportunidades de evolução e de opinião aos alunos nas diversas matérias abordadas.

Em relação ao núcleo de estágio, cumpriu sempre com todas as suas obrigações (observações de aulas, participação em reuniões, todas as acções inerentes aos trabalhos de grupo, redacção de actas, etc.), aceitou as sugestões e alterações ao seu trabalho e opinou de forma construtiva na tentativa de melhorar as relações humanas e profissionais.

No que concerne à assessoria à Directora de Turma, estivemos sempre presentes na hora de atendimento aos Encarregados de Educação (EE) do 8ºC, quintas-feiras das 17h20 às 18h15, juntamente com a DT, Anabela Abreu. Mostrámo-nos sempre disponíveis para promover um trabalho conjunto com a mesma e auxiliá-la nas suas inúmeras funções (Elaboração do Projecto Curricular de Turma; Preparação de Conselhos de Turma; Contacto com Encarregados de

Educação; Organização/Gestão de Dossiers Individuais dos Alunos; Mediação de Conflitos, entre outros).

IV. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

Muitas das decisões foram fáceis de tomar porque foram previamente “impostas” pelo departamento de EF do INEDS. As matérias a leccionar, os espaços a utilizar, os materiais a usar, as semanas dedicadas a cada matéria e o respectivo período quando seriam abordadas, os momentos de avaliação, a avaliação diagnóstica e os conteúdos a avaliar dentro de cada matéria, entre outros.

As outras opções foram adoptadas no sentido de garantir um coerente processo de ensino/aprendizagem, que beneficiasse o progresso dos alunos nas diversas matérias.

As opções tomadas fundamentaram-se em alguns factores como: análise dos resultados das avaliações realizadas; grau de dificuldade e/ou facilidade dos exercícios propostos; análise crítica do professor à própria aula; sugestões, opiniões e incentivos ministrados pela professora orientadora e colega de estágio; condições climatéricas; número de alunos numa determinada aula; formação obtida nos dois primeiros semestres deste mestrado (construção de descritores e respectivas pontuações das grelhas de avaliação); entre outros.

Desta forma, realizaram-se muitos ajustamentos à planificação e realização das aulas, das avaliações e das UD, sempre no sentido de as melhorar e adaptar à prévia análise dos dados ao dispor do professor, no sentido de melhorar o processo de ensino/aprendizagem. Estes ajustamentos, muitas vezes de última hora, acabam por desenvolver a capacidade de improvisação e adaptação do professor, não deixando de perder de vista os objectivos da aula.

V. CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS

Reportando aos primeiros dois semestres deste Mestrado, muitos conhecimentos foram transmitidos em disciplinas como “Didáctica da EF e Desporto Escolar”, “Avaliação Pedagógica em EF”, “Sistemática das Actividades Físicas Desportivas e Escolares” e “Administração Escolar” que aumentaram a nossa bagagem científico-pedagógica e puderam ser postos em prática durante o estágio pedagógico supervisionado, realizado este ano lectivo.

Através da “Didáctica da EF e Desporto Escolar”, pudemos apreender uma série de situações relativas à intervenção pedagógica do professor na aula que até então não dávamos tanta importância, ou ao invés, atribuíamos demasiado tempo e interesse.

A disciplina de “Avaliação Pedagógica em EF”, proporcionou-nos a oportunidade de tomar conhecimento de outras formas de construção e aplicação de grelhas de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) e de UD, e da importância das mesmas na planificação das aulas.

Os jogos cooperativos e semi-cooperativos foram aplicados a partir das aulas de “Sistemática das Actividades Físicas Desportivas e

Escolares”. Tentámos fomentar a competição entre os grupos da turma, de forma a aumentar o empenhamento motor, mas de forma saudável, sem dar grande importância aos resultados.

A disciplina de “Administração Escolar” serviu sobretudo para a realização do projecto de assessoria ao DT e aplicou-se também nas inúmeras relações estabelecidas pelo professor na escola a diferentes níveis de relacionamento.

Todas as outras disciplinas também forneceram conhecimentos importantes e não foram esquecidas neste ano de prática pedagógica supervisionada.

Neste sentido, pensamos ter correspondido às exigências de competência profissional, procurando actualizar os conhecimentos relativos às matérias, metodologias, estilos de ensino, estratégias e programas de ensino e demonstrando capacidades científico-pedagógicas, sócio-culturais e hábitos e métodos de trabalho que ficaram patentes no desempenho demonstrado ao longo do ano lectivo, tendo, no entanto, consciência que há sempre mais para aprender/melhorar.

A auto-formação e a pesquisa autónoma foram outra forma de enriquecimento pessoal, estando sempre presente, pois além de naturalmente necessária, vinha colmatar algumas insuficiências que ocorreram no processo de Licenciatura. Também a auto-crítica, realizada através da redacção da análise das aulas, era um método de aprendizagem. Esta incidia sobre aspectos como: organização das actividades; gestão do tempo e dos espaços; exercícios propostos; *feedbacks* fornecidos; comportamento dos alunos; grupos constituídos; entre outros.

Ao nível das metodologias adoptadas, estilos de ensino, planificação, organização e gestão das aulas e avaliação, fomos procurando ouvir e atender aos *feedbacks* fornecidos pela professora Elisa e pelo professor Alexandre, após as observações realizadas.

VI. AVALIAÇÃO DE PROCESSOS E PRODUTOS

Na planificação de qualquer documento de apoio à preparação e realização das aulas, respeitámos escrupulosamente o Programa Nacional de EF – 3º ciclo, assim como todas as directrizes do departamento de EF deste Instituto, no sentido de privilegiar um processo de ensino/aprendizagem responsável, motivante e potenciador de mudanças efectivas no comportamento psicomotor dos alunos.

Relativamente à planificação da matriz de extensão e sequência de conteúdos, procurou-se cumprir com a mesma, mas vimo-nos sempre obrigados a efectuar alterações a esta devido a vários factores como: dificuldades de aprendizagem dos vários conteúdos; ritmos de aprendizagem diferentes; condições climatéricas; análise dos resultados das avaliações formativas; quantidade de conteúdos por aula; intensidade das sessões; e motivação dos alunos.

Em relação aos Planos de aula, houve sempre a preocupação de mantê-los fiéis à matriz de sequência e extensão de conteúdos e de elaborá-los de forma correcta, que respektassem várias premissas como: conteúdos do programa da matéria abordada; espaço adequado

à matéria; materiais ajustados aos exercícios propostos; intensidade equilibrada com o tempo de aula; grupos coerentes com o trabalho que se pretendia desenvolver; níveis diferentes de exercitação, respeitando o nível de desempenho dos alunos; tempos de exercitação elevados; e tempos de informação, organização e transição diminutos.

Claro que nem sempre conseguimos cumprir com estes objectivos e apresentámos sempre as nossas dificuldades, assim como as alterações efectuadas durante as próprias aulas aos respectivos planos concebidos, na reflexão crítica que fazíamos da mesma, após dialogarmos com a orientadora e com o colega de estágio. Além disso, procurou-se deixar logo sugestões para melhorar os aspectos que não correram bem.

Também as grelhas de avaliação e respectivos descritores foram construídos tendo por base os conteúdos avaliados e as principais componentes críticas de cada um deles. Também aqui foi fundamental a interacção com os colegas do núcleo de estágio, no sentido de tornar estas mais práticas, coerentes e justas com o processo de ensino/aprendizagem.

Foi com base na actuação semanal com os alunos da turma C do 8º ano de escolaridade, que fomos alvo de avaliação pela orientadora da escola. Os comportamentos pedagógicos apresentados, a condução das aulas, os *feedbacks* atribuídos, a comunicação com os alunos, a relação com estes, o clima criado nas aulas, o conhecimento científico das várias matérias, os métodos aplicados, as estratégias utilizadas, as avaliações realizadas, e demais aspectos, foram cuidadosamente analisados e alvo de alterações de comportamento no sentido de melhorar o processo de ensino/aprendizagem e tornarmo-nos pedagogicamente mais competentes.

Evidentemente, também o professor fazia uma auto-avaliação do seu próprio trabalho, sendo o primeiro a assumir algumas falhas e a tentar alterar os seus comportamentos pedagógicos menos eficazes.

CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO DAS ACTIVIDADES REALIZADAS

VII. APRENDIZAGENS REALIZADAS

Como já foi referido anteriormente, a escolha das matérias leccionadas, foi da responsabilidade do departamento de EF, sendo que nenhuma delas foi novidade para os alunos. No entanto, houve vários conteúdos abordados pela primeira vez este ano lectivo, e que, como tal, tornaram-se novas aprendizagens.

1. Voleibol (nível elementar)

5. Aumento do espaço de jogo e da altura da rede;
6. Serviço por cima (tipo Ténis);
7. Remate em apoio e em suspensão.

2. Basquetebol (nível elementar)

- ✓ Drible de protecção.

3. Ginástica de Solo (nível elementar)

- ✓ Apoio facial invertido, seguido de rolamento engrupado à frente;
- ✓ Rodada.

4. Ginástica de Aparelhos (nível elementar)

- ✓ Salto de eixo no boque longitudinal;
- ✓ Salto entre mãos no cavalo.

5. Ginástica Acrobática (nível introdutório)

- ✓ Equilíbrio em pé em cima dos ombros do base ajoelhado;
- ✓ Apoio facial invertido nas coxas dos bases ajoelhados.

6. Atletismo (nível elementar)

- ✓ Iniciação ao triplo salto.

Também introduzimos alguns jogos novos, como a “Corrida dos números”, “Os bailarinos”, “Dia e noite” e “Gato e rato”.

Claro que as aprendizagens não se ficaram apenas pelos conteúdos e exercícios, mas também a uma abordagem diferente, nomeadamente em matérias como a Ginástica Acrobática e o Atletismo, em que o professor alterou bastante os métodos que costuma aplicar nas suas aulas. Quanto aos estilos de ensino, este ano lectivo foram aplicados mais vezes o estilo inclusivo e de auto-avaliação, implicando mais o aluno no seu processo de aprendizagem.

VIII. COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

Uma preocupação que sempre tivemos durante o estágio, foi a de alterar/melhorar os comportamentos motores dos alunos, isto é, o professor não se deve limitar a debitar informações para os mesmos, à espera que todos aprendam da mesma forma, só porque lhes demos o conhecimento necessário. O professor tem de intervir de forma estratégica, correcta, coerente, diferenciada, de forma a chegar a todos os alunos e a provocar uma mudança, leia-se melhoria, no seu comportamento motor, ou seja, a provocar aprendizagem.

É fundamental ter um conhecimento profundo das matérias e dos diversos conteúdos abordados, porque só uma leitura correcta do movimento realizado pelo aluno pode detectar o erro e fornecer o rigoroso *feedback*, que procure alterar esse comportamento, levando à correcção e consequentemente ao sucesso na prática desportiva. Esta capacidade de avaliação dos exercícios e do processo de ensino/aprendizagem é a arma para poder-se intervir na mudança de comportamentos, combatendo as dificuldades dos alunos, através de estratégias e metodologias que permitam a aprendizagem dos diversos conteúdos de uma forma segura e motivante.

Pensamos que a forma como se planificou e conduziu as aulas, assim como as alterações que foram sendo introduzidas no planeamento, realização e avaliação, foram positivamente influentes no progresso dos alunos, em certos casos bem notório, elevando o seu nível de prestação motora nas diversas matérias.

Procurou-se dar espaço de intervenção aos alunos, permitindo que estes opinassem e expusessem as suas ideias em relação aos exercícios, conteúdos, avaliações, e demais assuntos.

Através da realização dos jogos, sobretudo na parte inicial da aula, procurou-se dar protagonismo aos alunos, particularmente aos que apresentavam maiores dificuldades, no sentido de lhes dar oportunidade de tomarem decisões e de chefiarem as equipas. Também foi a estes que dedicámos mais tempo durante as aulas, fornecendo mais *feedbacks* (muitos afectivos e quinestésicos), exercícios mais simples, de forma a aumentar-lhes a auto-confiança, mais ajudas, sempre que necessárias e tendo mais paciência e tolerância para levá-los ao êxito nas diversas matérias leccionadas.

O caso mais evidente foi o do aluno número nove, Francisco Baptista, que devido à sua débil constituição física, requereu muito do nosso tempo e energia, tendo o aluno empenhado-se bastante na melhoria das diversas aprendizagens.

IX. IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO

A responsabilidade que nos coube neste estágio, através da realização de inúmeras tarefas e actividades, colocou à prova a competência e capacidade de organização e trabalho, quer individual, quer em grupo. Relativamente ao trabalho individual realizado, gostaríamos de salientar os seguintes:

- ✓ Plano Anual;
- ✓ Caracterização da turma;
- ✓ Matriz de sequência e extensão de conteúdos;
- ✓ Planos de aulas;
- ✓ Grelhas de avaliação (formativa e sumativa);
- ✓ Grelha de avaliação diagnóstica de Ginástica Acrobática;
- ✓ Relatórios das avaliações;
- ✓ Balanços das UD;
- ✓ Documentos de apoio às UD;
- ✓ Relatórios de observação das aulas da professora orientadora,
Elisa Santos;
- ✓ Relatórios de observação das aulas do colega de estágio,
Alexandre Oliveira;

- ✓ Grelha de observação;
- ✓ Grelha de presenças;
- ✓ Grelha de sumários;
- ✓ Grelha de classificação;
- ✓ Actas de reunião de núcleo de estágio;
- ✓ Projecto de assessoria à Directora de Turma do 8ºC.

Sentiu-se que através da construção destes documentos, das mais variadas áreas, houve um crescimento e/ou maturação do professor, tornando-se mais capaz e mais competente, ou seja, melhor preparado para as tarefas de gestão/organização escolar e pedagógicas.

No que concerne ao trabalho de grupo, foi muito fácil trabalhar com o professor Alexandre, por várias razões: já nos conhecemos há vários anos; temos um excelente relacionamento profissional e de amizade; trabalhamos muito bem em grupo; temos o mesmo ponto de vista em relação a muitas questões profissionais; e existe uma grande cumplicidade entre ambos.

O Projecto de Parcerias Educativas, não foi difícil de executar pelas razões atrás expostas e pelas seguintes:

- ✓ Experiência na preparação/realização/avaliação de actividades como estas (todos os anos realizamos inúmeras actividades na escola, que acarretam as mesmas responsabilidades que tivemos com as escolhidas);
- ✓ Tanto os alunos como os colegas gostam destas actividades, pelo efeito de quebra de monotonia que elas causam na escola e pelo resultado globalizante e de contagiante alegria que provocam junto de toda a comunidade escolar.
- ✓ O trabalho de grupo diminuiu a quantidade de tarefas a realizar.

Difícil foi escolher que actividades organizar. Concordámos em realizar uma tradicional, que anualmente tem lugar na nossa escola, o Corta-Mato Escolar e uma outra que seria novidade para a maioria dos alunos, o *Rugby*.

Estabelecemos as parcerias com todos os agentes desportivos fundamentais à realização das mesmas (Associação Desportiva de Souselas (ADS) e secção de *Rugby* da Associação Académica de Coimbra (AAC)), procurámos ajuda/patrocínios junto de outras entidades (águas e troféus), salvaguardámos a segurança das actividades (PSP - escola segura e GNR), assegurámos a participação de

funcionários e colegas do departamento e da escola em variadas funções inerentes à realização das mesmas, divulgámos as actividades, inscrevemos e agrupámos os alunos, controlámos sempre todas as etapas das actividades, registando vários momentos através de fotografia, elaborámos notícias para o jornal da escola e para as actas de departamento de EF e de Conselho Pedagógico e fizemos a avaliação das mesmas.

Além destas actividades, o grupo também construiu seis Unidades Didácticas definidas em departamento e interagiu sempre de forma muito positiva, apoiando-se em todas as actividades e projectos, sob um forte sentimento de entreaajuda e companheirismo.

Através desta descrição percebe-se a vital importância dos documentos elaborados, quer para os alunos da turma de estágio (8ºC), quer para o departamento de EF, quer para a própria escola.

X. CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE

Uma das maiores qualidades que humildemente atribuímos ao nosso carácter é a responsabilidade. Responsabilidade pelo trabalho que fazemos, pelos compromissos assumidos perante a escola, os colegas, os alunos e sobretudo perante o processo de ensino/aprendizagem. Este sentido de responsabilidade empregue em todos os actos quotidianos foram, obviamente, transferidos para este Mestrado e nomeadamente para o estágio pedagógico.

O empenho empregue em todas as acções inerentes ao mesmo, a dedicação na realização de todos os trabalhos da melhor forma possível, a humilde na aceitação da crítica construtiva e a consequente alteração de comportamentos no sentido de melhorar, a assiduidade e pontualidade que caracterizaram o nosso comportamento ao longo do ano lectivo, vêm demonstrar que o sentido de responsabilidade assumido quando abraçámos este projecto, foi árduo mas esteve sempre presente, mesmo quando errámos.

Pensamos que a iniciativa faz parte integrante da personalidade da maioria dos professores de EF. É natural a dedicação que depositamos

em certas iniciativas, sobretudo de carácter desportivo, pondo os alunos e a escola a “mexerem-se”. Foi nesse sentido que se decidiu realizar a formação “O Rugby na Escola”, devido ao seu carácter inovador, lúdico e pedagógico. Como está documentado no relatório da actividade, esta iniciativa foi um enorme sucesso e merece ser repetida nos anos vindouros.

Este foi o terceiro ano consecutivo que realizámos um passeio de bicicleta-todo-terreno (BTT) pelas redondezas da vila de Souselas, aproveitando os inúmeros caminhos em terra e as óptimas condições naturais da região para a prática da modalidade. Esta iniciativa, apesar de não fazer parte integrante do estágio, parte do gosto pessoal pela modalidade, que articulada com a expansão da mesma nos últimos dez anos, sobretudo junto dos mais novos, acaba por criar momentos de enorme prazer, convívio, aprendizagem e de actividade física em plena natureza.

Em relação ao estágio pedagógico, todas as decisões pedagógicas que se tomaram (à excepção das tomadas pelo departamento), mesmo as que foram decididas após os produtivos diálogos com os colegas do núcleo de estágio, foram sempre da inteira responsabilidade e iniciativa

do professor. Só assim é que as críticas construtivas dos colegas fariam sentido, porque incidiam sobre o desempenho conseguido na aula, sendo este produto da iniciativa laboral do professor.

XI. DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO

Vamos tentar encadear as dificuldades sentidas numa ordem lógica de construção das actividades lectivas. Neste sentido começaremos por abordar a elaboração das UD, passando de seguida para a matriz de conteúdos e terminando nos planos de aula, tudo isto no capítulo do planeamento.

Começando pelo planeamento das UD, o primeiro dilema foi a decisão de se fazer uma UD por turma ou se faríamos uma única para ambas as turmas de estágio (7^oC e 8^oC), englobando todos os conteúdos e demais temas relacionados com os dois anos de escolaridade em causa. Acabou-se por optar pela segunda via por se considerar que muita da informação contida nas UD seria idêntica, mudando apenas alguns aspectos como certos conteúdos a avaliar e as reflexões finais. Desta forma, ganhou-se tempo e o trabalho foi mais prático e verdadeiramente de grupo, como se pretendia no guia de estágio.

Relativamente à construção da matriz de extensão e sequência de conteúdos, nunca se conseguiu que a matriz inicialmente construída

coincidisse com a final. Não sendo este um grave problema, visto que durante as aulas o professor foi-se apercebendo de aspectos que fugiram ao controlo da avaliação diagnóstica e foi escutando a opinião da orientadora, alterando a mesma no sentido de a tornar mais fiel às necessidades educativas dos alunos e de a levar ao encontro de uma lógica de ensino exigida pelo próprio processo de ensino/aprendizagem.

A construção dos planos de aula partiu sempre da definição de conteúdos da matriz elaborada. O professor, definidos os conteúdos e os objectivos específicos a abordar em cada sessão, “apenas” tinha de recorrer à UD respectiva e escolher os exercícios e progressões pedagógicas a facultar na sessão de EF. Ainda assim, e parecendo um processo fácil, nem sempre o foi, criando muitas dúvidas sobre quais seriam os melhores ou mais eficazes exercícios a empregar nas aulas para os diferentes grupos de proficiência existentes na turma. A verdade é que algumas vezes sentimos que não fizemos a escolha correcta.

A definição do tempo para cada parte da aula e sobretudo para cada exercício também se revelou um problema, pois por vezes sentimos que o tempo destinado à prática dos mesmos era escassa e

outras vezes tivemos de avançar mais cedo para o exercício seguinte, porque o anterior já parecia estar dominado pelos discentes. Não sendo este um grave problema, foi diminuindo com o decorrer das aulas, pelo facto do professor conhecer cada vez melhor os alunos.

A elaboração dos planos de aula, também foi evoluindo muito com o decorrer do ano lectivo, porque se foram corrigindo erros e insuficiências iniciais. Este salto qualitativo teve um grande impulso após a primeira visita da professora orientadora da FCDEF, Dr.^a Elsa Silva, que nos auxiliou neste, assim como noutros capítulos.

Relativamente à intervenção pedagógica do professor, na dimensão instrução, tivemos de diminuir o tempo de explicação inicial, tornando-nos mais objectivos e concisos. O correcto aproveitamento do espaço também foi um problema na modalidade de Atletismo, visto ter chovido bastante durante as aulas desta UD, obrigando as mesmas a decorrerem no pavilhão num espaço equivalente a um campo de Basquetebol. Na Ginástica de Solo e Aparelhos, também tivemos de optar entre a disposição das diversas estações privilegiando a segurança ou os deslocamentos e visionamento da turma por parte do professor. Optámos pela segurança, por defendermos que em primeiro lugar

estaria a salvaguarda dos alunos, tendo o professor de adoptar estratégias de deslocamento que lhe permitissem controlar/auxiliar todos os alunos da turma.

A correcta adopção de *feedbacks* pedagógicos nem sempre é fácil, ou porque não se domina inteiramente as componentes críticas dos conteúdos (sentimos isso no Atletismo) ou porque não se sabe que tipo de *feedback* funciona melhor com os alunos. Estas dificuldades não foram sentidas em todas as UD da mesma forma, sendo ultrapassadas com o tempo, à medida que o professor conhecia melhor os efeitos dos mesmos nos alunos.

Também no capítulo da demonstração alterámos o comportamento vigente, após *feedback* da Dr.^a Elsa Silva, que defendeu que mesmo na realização de exercícios de consolidação devemos aglutinar à explicação verbal a demonstração. Inicialmente não o fazíamos porque procurávamos poupar tempo num conteúdo já realizado várias vezes.

No final da sessão também passámos a ser mais breves e objectivos, sobretudo no controlo das aprendizagens através do questionamento e na extensão dos conteúdos para a aula seguinte.

Na dimensão Gestão, procurámos diminuir o tempo da parte inicial da aula, por ser muitas vezes demasiado longo, apesar de esta extensão temporal ser dedicada à prática de jogos e/ou exercícios de activação do organismo.

Em relação à dimensão clima/disciplina, teve-se de subir o tom de voz algumas vezes e ser mais duro com os discentes devido às excessivas brincadeiras, quer por comportamentos de desvio, quer por comportamentos fora da tarefa. De qualquer forma, a disciplina não foi um grave problema e o ambiente da aula foi sempre alegre e respeitador.

Relativamente à avaliação, o problema levantado pela insuficiente avaliação diagnóstica foi ultrapassado através de uma cuidadosa e atenta observação do desempenho dos discentes nas primeiras aulas de cada UD e respectiva reformulação da matriz de conteúdos.

A maior dificuldade na construção das grelhas de avaliação formativa/sumativa foi a definição dos descritores, que deveriam decompor cada conteúdo em várias partes, mas abarcando-o na totalidade. A aplicação destas grelhas também obrigava o professor a

memorizar esses mesmos descritores no sentido de atribuir a respectiva pontuação aquando da execução dos alunos. Este processo nem sempre era fácil, mostrando-se por vezes pouco prático.

XII. DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO

Agora que findou o estágio e após esta enriquecedora experiência, podemos de forma mais concreta focar alguns pontos que reconhecemos merecedores de ser analisados para implementar nos próximos anos lectivos.

Em relação à dimensão Instrução, defendemos que o professor deverá ter o cuidado acrescido de conhecer muito bem todos os conteúdos leccionados, e as diversas componentes críticas dos mesmos, de forma a conseguir, sem hesitação, fornecer o *feedback* correcto sobre o erro cometido pelo discente. Sabe-se que nem sempre é fácil, porque são bastantes conteúdos e algumas matérias são muito técnicas, como o Atletismo e a Ginástica, sendo necessária experiência, perspicácia, atenção e estudo prévio.

Na dimensão Clima/Disciplina, o professor deverá desde cedo motivar os alunos para a prática de todas as matérias, mantendo um bom clima de aula e disciplinado, evitando ao máximo criar condições que levem ao surgimento de comportamentos de desvio.

No que concerne à avaliação, já se abordou a insuficiente avaliação diagnóstica que é aplicada pelos professores de Educação

Física do INEDS. Este assunto já foi abordado pelo referido departamento, que construirá novos instrumentos de avaliação a aplicar já no próximo ano lectivo. Desta forma, pensamos ultrapassar o problema da construção de uma matriz de conteúdos pouco fidedigna, assim como passaremos a poder formar os grupos de trabalho de forma mais segura, em face dos resultados obtidos na avaliação diagnóstica.

As grelhas de avaliação formativa e sumativa também poderão ser revistas, tentando uma aproximação ao que foi feito pelos estagiários, mas mantendo muito do que já está (bem) feito pelo departamento.

XIII. INOVAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Procurámos ter uma atitude pioneira em relação à leccionação das matérias, sobretudo após o conselho da Dr.^a Elsa Silva nesse sentido. Houve sempre a preocupação de investir em exercícios novos e diferentes para os alunos, que nem sempre funcionaram tão bem quanto desejaríamos, estabelecer grupos de trabalho quer homogéneos, quer heterogéneos, em função dos objectivos da aula, de utilizar meios gráficos de apoio às aulas (com a constituição dos grupos ou os exercícios a realizar), de fornecer documentos de apoio à modalidade, fazendo referências históricas à mesma, focando as principais regras de jogo, esquemas tácticos (jogos desportivos colectivos) e conteúdos a abordar nas aulas, e relatórios de aula para os alunos que não podiam realizá-la, devendo proceder à descrição dos exercícios realizados nas três partes da sessão, à organização da mesma e dos alunos e fazendo uma pequena reflexão crítica da mesma.

XIV. IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR

O primeiro impacto, embora pouco significativo para a vida escolar, foi o facto de todos os colegas da escola ficarem a saber, através de Reunião Geral de Professores (RGP), que dois professores da mesma iriam estagiar na própria escola, sendo supervisionados pela professora Elisa Santos, tendo-nos felicitado pela iniciativa (apenas existem três Mestres em mais de sessenta professores no INEDS).

O segundo impacto, também pouco significativo, fez-se sentir ao nível da assessoria, com muitos outros colegas DT a reclamar o mesmo tipo de auxílio (pelos vistos, bem precioso) de que beneficiou a professora Anabela Abreu, DT do 8ºC.

Os alunos da turma do 8ºC terão sido os que mais mudanças sentiram, porque passaram a ter como professora de EF a docente Elisa Santos, mas continuou a ser o professor do ano transacto a leccionar, só que agora na qualidade de estagiário.

As exigências com os alunos da turma foram sempre muito elevadas, tentando extrair o melhor deles a cada aula, apesar de nem sempre o conseguirmos, e exigindo muito empenho e concentração em

todos os momentos da aula (houve muitas aulas em que foi magnífico ver o empenhamento motor dos alunos).

Obviamente que os resultados deste trabalho compensaram, visto não ter havido classificações inferiores a três e a média destas ser de quatro pontos (4,0).

Outro ponto onde foi notório o impacto do estágio, foram os Projectos de Parcerias Educativas (Corta-mato escolar e “*Rugby na Escola*”). Estas actividades mobilizaram centenas de atletas, professores do departamento de EF e da escola, funcionários, forças de segurança, patrocinadores, parcerias com colectividades, prémios, diversão, fotos, competição e festa. Foram dias diferentes para a comunidade e rotina escolar. O saldo de ambas foi bastante positivo.

XV. QUESTÕES DILEMÁTICAS

Em relação a este ponto, queremos começar por referir que se não fosse possível realizar este estágio pedagógico na presente escola, tendo de o fazer noutra instituição escolar, não teria sido fácil, para não dizer impossível, finalizar este Mestrado.

Não querendo parecer contraditório, pensamos que, sobretudo no início, enquanto os diversos papéis não estão bem assimilados por todos os intervenientes no processo, podem-se instalar conflitos ou pelo menos algum desconforto por ter um colega a observar-nos e a avaliar-nos, no mesmo sentido que não é uma responsabilidade nada agradável ter de corrigir e avaliar colegas de longa data de trabalho, que por vezes até podem ter mais experiência ou serem mais eficazes em relação à pedagogia necessária para uma dirigir um correcto e coerente processo pedagógico.

Com isto, não estamos a afirmar que as relações entre os estagiários e a professora orientadora foram malignas. Claro que houve momentos de discórdia ou conflito, mas foram sempre superados

através do diálogo franco e aberto, acabando por reforçar a confiança e amizade que nutrimos uns pelos outros.

Neste sentido, defendemos que os estágios pedagógicos supervisionados sejam realizados fora da escola onde os estagiários estejam a trabalhar.

Se esta premissa for cumprida, estes problemas deixam logo de o ser, certamente para aparecerem outros diferentes.

XVI. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

Há necessidade de recuar dez anos, até Junho de 1999, ano em que finalizámos a licenciatura em ensino da EF.

A primeira conclusão, é que nestes dez anos muita coisa evoluiu ou simplesmente mudou. Houve mudanças de organização escolar ao nível dos currículos, dos cargos de gestão escolar, dos blocos lectivos, das cargas horárias e da integração ou reconhecimento de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas turmas. Também as escolas melhoraram as condições físicas e materiais existentes para a prática da EF, proporcionando aos docentes a possibilidade de leccionar outras actividades desportivas. Os alunos tomaram o gosto pelas modalidades menos “tradicionais” e houve um aumento da aplicação das novas tecnologias nas aulas, entre muitas outras mudanças.

Houve aspectos que mereceriam outro cuidado nessa primeira formação como: não houve suficiente preparação para assumir as responsabilidades de cargos na escola (como o de DT ou coordenador do Desporto Escolar ou delegado de Departamento); não fomos familiarizados com a maioria dos documentos que se tem de preencher

na escola e que têm vindo a aumentar exponencialmente nos últimos anos; e não leccionámos algumas matérias como *Badminton* e Ginástica Acrobática.

Apesar de tudo isto, sentimos que a formação inicial foi positiva e suficiente na maioria das situações que o professor teve de lidar na escola, sobretudo ao nível da intervenção pedagógica do mesmo.

Reportando à formação obtida nos dois primeiros semestres deste Mestrado, pode-se confirmar que as duas primeiras falhas apontadas anteriormente à formação de Licenciatura, foram ultrapassadas, já que através da disciplina de “Administração Escolar” e do Projecto de Assessoria aplicado no terceiro semestre, tivemos contacto com a importância e as obrigações de vários cargos na escola (nomeadamente o de DT), e através das disciplinas de “Estudos de Desenvolvimento Curricular” e “Avaliação Pedagógica em EF”, tivemos contacto com muita documentação inerente à escola, tendo mesmo que construir alguns desses documentos.

Com a formação inicial que tivemos, acrescida das várias acções de formação realizadas ao longo destes dez anos, aditada a esta

formação complementar de Mestrado, sentimo-nos claramente preparados e capazes de intervir na escola quer a nível de docência na EF, quer a nível de cargos de gestão da mesma.

XVII. NECESSIDADES DE FORMAÇÃO CONTÍNUA

A formação é a base da aprendizagem contínua. Quando ensinamos os nossos alunos ao longo dos anos estamos a formá-los continuamente nas várias matérias e a modificar comportamentos sociais sob as implicações desportivas das nossas acções. Ora se os alunos precisam de formação, o que se dirá dos professores que devem estar preparados para formar cada vez melhor, alterando estratégias, metodologias e estilos de ensino, incluindo no seu repertório modalidades nunca antes abordadas ou indo ao encontro do crescente gosto dos jovens pelas matérias ditas “radicais”.

A formação contínua é essencial para qualquer docente que se queira actualizado, competente, capaz, atento e profissional. Sem ela, corre-se o risco de tornarmo-nos obsoletos, caducos e desactualizados. Consequentemente, as aulas de EF ficam previsíveis, ultrapassadas e “chatas”.

Se a formação é uma obrigação profissional, também devemos referir a natureza curiosa e sedenta de novos conhecimentos que muitos professores sentem no dia-a-dia, recusando-se a ficar pela formação inicial. Trata-se de uma valorização pessoal e profissional.

Através deste Mestrado o professor cresceu bastante em termos científicos, sobretudo nos dois primeiros semestres do referido Mestrado, e em termos pedagógicos, nomeadamente através da realização deste estágio pedagógico supervisionado.

Por razões de escassez de tempo, não nos foi possível participar em nenhuma acção de formação ao longo deste ano lectivo.

XVIII. EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO

Apesar dos dez anos de experiência na carreira docente, acrescido dos dois estágios pedagógicos supervisionados realizados em 1998 e 1999, no 1º e 2º ciclos de escolaridade, respectivamente, este ano foi bastante enriquecedor quer do ponto de vista científico, através da pesquisa e leitura de materiais pedagógicos para aplicar nas aulas, quer relacionado com a parte pedagógica, através da implementação de estratégias, metodologias e estilos de ensino diversos, conhecimentos estes adquiridos e aprofundados nos dois primeiros semestres do Mestrado e também pela partilha de opiniões com os colegas de núcleo de estágio.

Em termos pessoais, as relações humanas estabelecidas com a professora orientadora da Faculdade, Dr.^a Elsa Silva, com a professora orientadora do INEDS, Elisa Santos, com o colega de estágio, Alexandre Oliveira, com a DT do 8ºC, Anabela Abreu e com os alunos da referida turma, saíram bastante reforçadas, tendo-se estabelecido ou, em alguns casos, reforçado a amizade existente. Este relacionamento e reconhecimento são extensíveis a outras pessoas que de uma forma ou de outra nos auxiliaram na realização das actividades de estágio.

Relativamente à parte profissional, não temos dúvidas algumas que hoje estamos melhor preparados para enfrentar os desafios escolares. A formação que se obteve foi bastante rica e objectiva, incidindo sobre as várias vertentes que gerem a escola e, conseqüentemente, abrindo-nos as portas para outras perspectivas de ensino (poder leccionar ao 3º ciclo e Secundário) e para outros cargos dentro da mesma.

Em jeito de conclusão, foi um estágio bastante benéfico e proveitoso, pois sentimos que a nossa atitude pedagógica sofreu transformações no decorrer do ano lectivo, reflectindo-se numa visão mais precisa e fundamentada da realidade escolar e da disciplina de EF. Este estágio serviu para melhorar as capacidades de docência, as relações estabelecidas entre os vários intervenientes do processo educativo e de *transfer* de documentação e experiências adquiridas para o próprio departamento de EF.

Se o estágio representa o fim de um ciclo de estudo, por outro lado é o início de uma nova era profissional...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✓ Bento, Jorge Olímpio (1987), *Desporto "Matéria" de Ensino*. Lisboa: Caminho.
- ✓ Carvalho, Lídia (1994), *A avaliação das aprendizagens em EF*, 135-151. Documento de apoio à disciplina de Avaliação Pedagógica em EF do Mestrado EEFEBs, Coimbra: FCDEF.
- ✓ Mosston, Musska e Ashworth, Sara (1995), *Horizonte*, vol. II, nº1, maio-junho, 23-32. Documento de apoio à disciplina de Sistemática das Atividades Físicas e Desportivas Escolares do Mestrado EEFEBs, Coimbra: FCDEF.
- ✓ Pieron, Maurice (1993), *Education Phisique et Sport. Analyser l'Enseignement pour mieux Enseigner*. Dossier 16, Paris: Éditions Revre.
- ✓ Ribeiro, L. (1999), *Tipos de avaliação*, 75-92. Documento de apoio à disciplina de Avaliação Pedagógica em EF do Mestrado EEFEBs, Coimbra: FCDEF.
- ✓ Sarmiento, Pedro et al. (1996), *Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*". Tradução de Pieron, Maurice (1993). Lisboa: FMH

- ✓ Sarmiento, Pedro *et al.* (1993), *Pedagogia do Desporto. Instrumentos de observação sistemática da Educação Física e Desporto*. Lisboa: Edições FMH (2ª edição).

ANEXOS

Competências realizadas durante o estágio pedagógico – Anexo 1

Domínios	Objectivos	Competências	Ações
Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da abrangência literária da especialidade; - Desenvolvimento de uma consciência crítica de construção pedagógica; - Promoção da aprendizagem de conhecimentos teóricos relativos às diversas matérias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação criticamente das acções de natureza física e desportiva; - Identificação das matérias através da leitura dos regulamentos; - Criação de documentos de apoio pedagógico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de manuais e livros da especialidade; - Construção e aplicação de instrumentos de avaliação; - Abordagem teórica às modalidades e à melhoria da saúde fomentada pela prática desportiva. - Elaboração uma série de documentos indispensáveis à orientação da turma (Plano anual, planos aula, UD's, projectos, relatórios, etc); - Criação de instrumentos de avaliação coerentes com o processo de ensino; - Classificação através da avaliação sumativa.
Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de um compromisso afectivo com os diversos actores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento acções/actividades de cordialidade e respeito por todos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogos Cooperativos e semi-cooperativos; - Responsabilização dos alunos nas actividades da aula.
Motor	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de uma consciência corporal e de actividade física enquanto sinónimo de saúde e higiene. - Consolidação de estratégias pedagógicas de empenho motor, no sentido de promover a actividade física saudável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elevação do nível funcional das capacidades físicas condicionais e coordenativas; - Condução dos momentos de avaliação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção ao tempo efectivo de empenhamento motor, à diversidade de matérias e às estratégias cognitivas correctas para cada nível motor apresentado pelos alunos; - Criação de condições favoráveis de aprendizagem; - Realização das avaliações diagnóstica, formativa e sumativa.